

A CRIATIVIDADE E A IDENTIDADE NO CAMPO

*Gabriel Ribeiro Vargas*¹

gabriel.r.wargas@gmail.com

*Jenifer Schnorr Simão*²

jeniferschnorr02@gmail.com

*Lúcia Regina Lucas da Rosa*³

lucia.rosa@unilasalle.edu.br

Resumo: O presente artigo tem como foco os livros *Concerto Campestre* (1997), de Luiz Antonio Assis Brasil, e *Olhai os lírios do campo* (1938), de Erico Verissimo. Por meio de autores como Assis Brasil, Marcelo Spalding e José Verissimo, serão realizadas a contextualização das obras, a análise de criatividade e a construção de identidade, focando no egocentrismo e na transgressão dos casais protagonistas de ambos os livros.

Palavras-chaves: Assis Brasil; Egocentrismo; Erico Verissimo; Texto Criativo; Transgressão.

CREATIVITY AND IDENTITY IN THE FIELD

Abstract: This article focuses on the books *Concerto Campestre* (1997), by Luiz Antonio Assis Brasil, and *Olhai os lírios do campo* (1938), by Erico Verissimo. Based on authors such as Assis Brasil, Marcelo Spalding and José Verissimo, we will contextualize the works, the analysis of creativity and the construction of identity, focusing on the egocentrism and transgression of the protagonist couples in both books.

Keywords: Assis Brasil; Creative Text; Erico Verissimo; Egocentrism; Transgression.

INTRODUÇÃO

Segundo Moniz Barreto (apud VERÍSSIMO, 2001, p. 29), a literatura é “[...] um conjunto de obras escritas, tendo um assunto geral e redigidas numa linguagem geral, com maior rigor um conjunto de monumentos enunciados de um modo cabal uma concepção ou uma impressão da vida”. Por conseguinte, no presente artigo, pretendemos analisar os livros, que se encaixam nessa definição, *Concerto Campestre*, de Luiz Antonio de Assis Brasil, e *Olhai os lírios do campo*, de Erico Verissimo.

As duas obras em debate apresentam em seus títulos o termo “campo”, responsável por guiar as narrativas. No romance de Assis Brasil, “campestre” faz referência à orquestra, peça fundamental da história, que surge e que se manifesta nos campos gaúchos. Já na produção de Verissimo, a expressão

1 Universidade La Salle.

2 Universidade La Salle.

3 Universidade La Salle.

“olhai os lírios do campo” faz menção ao Sermão da Montanha presente na Bíblia, viabilizando a reflexão acerca das prioridades humanas.

Diante disso, por meio das teorias de texto criativo e de construção de personagens, pretendemos comparar um livro clássico com um livro contemporâneo, com a finalidade de explicitar suas semelhanças e diferenças. Logo, é necessário, primeiro, conhecer a criação e o criador.

CONCERTO CAMPESTRE

Luiz Antonio de Assis Brasil e Silva, advogado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Doutor em Letras pela mesma universidade, é um romancista brasileiro. Nascido em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 21 de agosto de 1945, o autor é, de acordo com Cunha (2010), de família açoriana e demonstra muito orgulho desse fato como manifesta na entrevista para José Pinheiro Torres:

[...] sou descendente de açorianos por parte de pai e de mãe. Assim, o que era um interesse genealógico acabou em interesse pelos Açores, minha segunda pátria, e onde tenho excelentes e fraternais amigos. Já dei aulas de Literatura Brasileira na Universidade dos Açores e lá fiz uma investigação de pós-doutorado. [sem data]

Além da origem aparecer refletida nas obras, outro aspecto de sua vida também é encontrado nas produções literárias. Em 1963, ano em que se forma no Curso Clássico, Assis Brasil começa a estudar música clássica, o que o leva a ingressar, em 1965, na Orquestra Sinfônica de Porto Alegre como violoncelista, cargo que ocupou por 15 anos. Cunha (2010, p. 7) afirma que “o autor tem na música um dos principais pilares narrativos de pelo menos três de suas obras: *O homem amoroso*, *Concerto campestre* e *Música Perdida*”. Com esse uso, Assis Brasil (2019, p. 14) prova o que escreve em *Escrever ficção: Um manual de criação literária*: para escrever ficção, o autor precisa ter experiência no seu objeto de narrativa.

Posto isso, o enredo de *Concerto Campestre*, publicado pela primeira vez em 1997, inicia com a criação de uma orquestra, em meados do século XIX, no interior do Rio Grande do Sul. O estancieiro Major Antônio Eleutério se encanta pela música quando dois índios missionários se hospedam em sua fazenda e tocam seus instrumentos a fim de diverti-lo. Desde então, a contragosto da esposa D. Brígida, o Major busca músicos que trabalhem para ele. Dessa forma, recebe a indicação do Vigário, personagem que representa a posição da Igreja, de contratar o Maestro, mineiro mestiço, para reger sua orquestra, intitulada de Lira Santa Cecília.

Aos poucos, a Lira começa a fazer sucesso entre a vizinhança, o que é o maior orgulho do Major Antônio. No entanto, às suas costas, Maestro e Clara Vitória, filha de Eleutério, apaixonam-se e estabelecem relações corporais. Dos encontros escondidos, surge uma gravidez indesejada fora do casamento. Encaminhando-se para o final da história, a família descobre a gestação e isola a menina em uma tapera. No que diz respeito ao Maestro, com medo de ser descoberto como pai, o personagem foge para Porto Alegre, desmanchando, assim, a orquestra. Enfim, o desenlace, digno de teatro grego, acontece de forma apoteótica.

OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO

Erico Lopes Verissimo é um dos grandes nomes da literatura brasileira. Romancista renomado, nasceu em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, em 1905. Antes de se consolidar como escritor, foi bancário e sócio de uma farmácia. Em 1930, começou a trabalhar na *Revista do Globo*. A partir desse ponto, estabeleceu-

se em Porto Alegre, onde tornou-se redator da revista. Com a ascensão de seu gênio literário, alcançou o cargo de secretário do Departamento Editorial da Livraria do Globo, bem como o cargo de conselheiro editorial — que ocupou até o fim da vida, em 1975, quando faleceu. Erico foi casado com Mafalda Halfen von Holpe, com quem teve os filhos Clarissa e Luis Fernando. Apesar das inúmeras obras triunfantes e atemporais publicadas ao longo de sua vida, *Olhai os lírios do campo*, publicado pela primeira vez em 1938, foi o divisor de águas para sua carreira de escritor, como conta no prefácio de sua obra:

Com a publicação de *Olhai os lírios do campo* operou-se uma mudança considerável em minha vida. O Romance obteve tão grande sucesso de livraria, que se esgotaram dele várias edições em poucos meses, deixando editores e escritores igualmente satisfeitos e perplexos. [...] Posso afirmar que só depois do aparecimento de *Olhai os lírios do campo*, é que pude fazer profissão da literatura” (VERISSIMO, 2005, p. 283).

Tal feito deve-se ao fato de que a obra *Olhai os lírios do campo*, além de ser sobre a história de duas pessoas que, mesmo opostas, colaboram com a construção da identidade em torno de si, é uma passagem atualizada do período histórico no qual foi escrito. A década de 1930 é marcada pela politização do cidadão comum, recheada de acontecimentos históricos e ideologias fortemente presentes, tais como o fascismo e o comunismo. Em meio a tantas realizações tecnológicas e arquitetônicas, o brasileiro estava se construindo como parte de uma nova sociedade vigente, devido à Revolução de 30, como é relatado nos dados do livro:

Encontramos interpretações polêmicas sobre a Revolução de 30 e o regime que ela inaugurou, ora chamado de “modernizador”, ora de “ditadura”. Porém, tudo isso fica abstrato se não atentarmos para as modificações ocorridas na vida do cidadão comum (VERISSIMO, 2005, p. 275).

Outro fator que se demonstra notável para o sucesso do livro foi ter sido escrito em momento de mais maturidade do autor. No ano de publicação, Erico estava nos primeiros anos da sua terceira década de vivência. Assis Brasil (2019, p. 14) aponta que “o poeta necessita de muita sensibilidade, muita leitura, muita franqueza, o ficcionista precisa disso e mais: muita vivência”, ou seja, a experiência de Erico certamente contribuiu diretamente na sua escrita, levando em consideração a bagagem de vida que já carregava até o momento.

O enredo do livro, portanto, se passa em linhas temporais diferentes, resgatadas pelas memórias vividas do Eugênio Fontes, personagem principal, enquanto ele está a caminho do hospital, com a intenção de chegar a tempo de se despedir de Olívia, que está em seu leito de morte. A partir desse ponto, a história ruma em uma linha temporal definitiva. Eugênio, vindo de uma família pobre, sonha em ascender social e economicamente, mesmo que isso consuma as linhas morais de seu caráter. Em contrapartida, Olívia não se prende ao estado material, físico e mundano proporcionado no dia a dia como forma de exemplificação de sucesso. A relação de ambos se origina quando estudam juntos e formam-se médicos, nascendo, ali, um forte elo de amor.

Consequentemente, o protagonista alcança aquilo que chamava de “êxito”, até se deparar com a iminente morte de sua verdadeira amada, com quem, descobre mais tarde, teve uma filha. Diante desse evento, começa a sua redenção para se desapegar do que o prendia a uma vida infeliz de aparências. Cortando laços fúteis e recorrendo aos simples, com o auxílio de cartas deixadas por Olívia, pouco a pouco, sua vida se torna mais altruísta até chegar ao desapego total, em uma noite de Ano Novo com o sentimento catártico de que o “sacrifício” feito, na verdade, foi seu renascimento como pessoa.

O CAMPO CRIATIVO: UMA ANÁLISE

Tanto *Concerto Campestre* quanto *Olhai os lírios do campo* são obras escritas por autores gaúchos que escolheram como espaço central do enredo o Rio Grande do Sul. Assim, embora as histórias se passem em épocas diferentes, são notórias outras comparações além do pano de fundo.

Spalding (2018, p. 19), em seu livro *Escrita Criativa para iniciantes*, defende que, ao se ler um livro, é necessário olhar para toda a sua complexidade, ou seja, atentar-se para além do conteúdo. Nesse contexto, o objetivo, que é fundamental para a escolha do conteúdo, e a forma, que aparece como uma consequência para atingir o propósito do autor, mostram-se importantes ferramentas da produção literária.

Sendo assim, Spalding (2018, p. 19) divide os textos em três grandes gêneros de acordo com os objetivos. O que nos interessa nesta análise são “os textos para emocionar [...]. Vale destacar que emocionar não é apenas ‘fazer chorar’, pode ser também provocar, fazer rir, indignar-se, sentir tédio enfim, mexer com o leitor de alguma forma” (SPALDING, 2018, p. 19). Tal característica aparece inúmeras vezes nos livros de Assis Brasil e de Erico Verissimo. Destacamos, então, em *Concerto Campestre*, a última cena da orquestra reunida:

E despejou-se um aguaceiro pesado, como se os céus se abrissem. Os instrumentos, molhados, pouco a pouco perdiam seus sons. [...] O Maestro disse aos músicos que não saíssem de seus lugares [...] O Vigário passou a descer dos próprios olhos: no entremeio da chuva, rodopiando no espanto da morte, como coisa de outro mundo, começaram a cair gotas escuras e viscosas, que vararam o ar e projetavam-se nos rostos. Ele olhou para as próprias mãos com asco e viuas tintas de vermelho, e passou a gritar “sangue, sangue” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 171-172).

Após a chuva de água e de sangue, o Major se suicida. À vista da sequência de passagens inusitadas, é indubitável que o desfecho trágico provoca espanto e, até mesmo, horror no leitor. Por sua vez, *Olhai os lírios do campo* tem o ápice de sua emoção no último trecho da primeira parte:

O auto estaca à porta do hospital. Eugênio desce com o coração aos pulos, a garganta seca, um amolecimento trêmulo a lhe quebrantar o corpo inteiro. [...] Irmã Isolda, no segundo andar, lhe dará a informação. [...] Os olhos de Eugênio se fixam nela numa desesperada interrogação. Em voz baixa, como quem conta um doce segredo, ela murmura: — A doutora Olívia morreu ao anoitecer, na santa paz do Senhor. O corpo está sendo velado na capela (VERISSIMO, 2005, p. 149).

Apesar de não ser tão chocante quanto sangue caindo do céu, ao longo do texto, Erico faz com que o leitor se apegue à imagem de Olívia, por isso, quando sua morte é anunciada, é impossível fugir do sentimento de pesar. Portanto, com base na teoria de Spalding, é completamente factível afirmar que ambas as obras são textos criativos.

Seguindo esse pressuposto, os livros em questão apresentam semelhança quanto às qualidades criativas. Todavia, é possível elencar diferenças, principalmente, a respeito da escrita. Spalding (2018, p. 20) reconhece que a forma é fundamental para o texto criativo, uma vez que é por meio dela que se efetua o objetivo e que se fortalece o conteúdo:

Por forma entende-se toda a técnica de criação utilizada em um texto. No caso dos textos ficcionais, a escolha das cenas, das personagens, do começo, do narrador, do ponto de vista. Toda a arquitetura narrativa é parte formal importante em um texto literário, assim como a escolha das palavras, das construções sintáticas, das relações de sentido [...] (SPALDING, 2018, p. 21).

Em vista disso, *Concerto Campestre* e *Olhai os lírios do campo* se opõem. Em primeira análise, o romance de Assis Brasil começa explicando a origem da Lira Santa Cecília, possivelmente, com a intenção

de evidenciar a importância da orquestra na narrativa. Além disso, por se passar no século XIX, a escolha de expressões e de construções faz com que o leitor se sinta submerso na história. Contribuindo com esse sentimento, o narrador, em 3ª pessoa, intercala os pontos de vista, por meio dos quais sabemos o que cada integrante do casal sente em determinados momentos.

Já em segunda análise, o romance de Erico Verissimo começa com a informação de que Olívia está internada no hospital em caso grave. Isso facilita o interesse do leitor pelo enredo, afinal, quer saber quem é essa mulher e por que ela é importante para a narrativa. Outrossim, por se passar um século depois dos acontecimentos de *Concerto Campestre*, a linguagem empregada se manifesta de forma mais contemporânea, mesmo sendo um livro clássico. Por fim, diversos fatores influenciam para que exista um entendimento acerca do protagonista e, principalmente, uma idealização da personagem feminina. Isso acontece em função da obra toda ser relatada pelo narrador em 3ª pessoa, que evidencia apenas os acontecimentos acerca de Eugênio, ou seja, o narrador não é confiável, além de a primeira parte ser marcada por lembranças do passado e a segunda expor cartas escritas por Olívia e interpretações do personagem.

Toda a subjetividade na hora de definir padrões e detalhes sobre os personagens está atrelada à devida importância que a maioria dos autores dá quando quer montar uma identidade que enriqueça suas obras. Assis Brasil aponta isso com base em uma atividade realizada em suas aulas:

Por inúmeras vezes, percebo que o grupo do conteúdo usa um bom tempo discutindo questões que não são literárias, sobre a integridade psicológica do personagem e suas relações com os outros. Ora, para isso, não é necessário nenhum conhecimento de literatura, mas sim da natureza humana (ASSIS BRASIL, 2019, p. 17-18).

Nesse sentido, podemos inferir que, além de apreço por sua história, os escritores nutrem um afeto especial por seus personagens. Esse fator enriquece o ato de montar o quebra-cabeça que constitui o conjunto da obra.

O EGOCENTRISMO DO HOMEM E A TRANSGRESSÃO DA MULHER

Tendo em vista a importância da complexidade dos personagens para a narrativa de suas obras, Assis Brasil e Erico Verissimo conseguem transparecer aspectos psicológicos e filosóficos da identidade de cada um. Assim, ao analisarmos ações em aspectos sociais e suas consequências, é possível identificar traços de egocentrismo distintos entre ambos os protagonistas masculinos, Eugênio e Maestro. Uma das definições dadas a essa condição mental é que “[...] o egocentrismo é uma perspectiva automática difícil de controlar, geralmente esquecida, na qual as pessoas observam o mundo prestando mais atenção a si mesmas do que aos outros” (BOCIAN; BARYLA; WOJCISZKE, 2020, p. 5, tradução nossa). Nessa lógica, apesar de formas distintas, os personagens masculinos em evidência apresentam tais ações individualistas.

Eugênio, de *Olhai os lírios do campo*, foca suas atitudes egoístas em relação ao âmbito do sucesso social e financeiro, sem dar vazão a sentimentos exteriores ou importância a itens simples da vida — como a família, por exemplo. O próprio personagem demonstra perceber as atitudes centradas em si mesmo no trecho em que o narrador conta que ele “tem na mente [...] a imagem das pessoas que sacrificou à sua carreira, ao seu egoísmo, à sua cega ambição. [...] Considerara apenas o seu futuro, a sua ascensão na vida. A carreira estava em primeiro lugar. Depois vinham os outros” (VERISSIMO, 2005, p. 35). Porém, em muitos momentos do romance, após já ter alcançado sua ascendência social, encontramos certa dualidade do personagem em relação a sua postura de grandeza, como é o caso do seguinte trecho:

Mas do mais profundo do ser às vezes lhe brotava uma misteriosa luz que, no fugitivo instante em que brilhava, lhe mostrava a outra face das coisas. Ele então compreendia num relance a enormidade do seu orgulho, o absurdo da sua vaidade, a fealdade do seu egoísmo. Um homem superior, ele? Como? Por quê? Que fizera de extraordinário? (VERISSIMO, 2005, p. 61).

Esses questionamentos fazem com que, apesar dos vícios da comodidade proporcionados pela vida dentro da classe média alta, Eugênio consiga ascender moralmente, passando a direcionar suas atitudes para o bem do próximo, bem como dar razão a seus sentimentos. Seu processo de desconstrução está diretamente ligado à influência de Olívia, mesmo após a morte, e ao legado que veio a ter com ela: sua filha. O auge de sua redenção pessoal fica explícito na passagem abaixo:

O dia mais importante da minha vida foi aquele em que, recordando todos os meus erros, achei que já chegara a hora de procurar uma nova maneira de ser útil ao próximo, de dar novo rumo às minhas relações humanas. Que era que eu tinha feito senão satisfazer os meus desejos, o meu egoísmo? (VERISSIMO, 2005, p. 171).

Enquanto a conduta de Eugênio aponta para a ascensão social, o Maestro, de *Concerto Campestre*, apresenta ações egocêntricas estritamente voltadas para seu prazer carnal e emocional. Como um bardo que vaga pela vida dedicando seu tempo à música, descobrimos que o personagem não mede as consequências de seus atos voltados ao prazer sexual. Certa vez, logo no início da narrativa, dormiu com uma das cozinheiras da Estância, mesmo sabendo que esse ato implicaria na expulsão dela do local. Depois, após sua estada na Estância do Major, Maestro se relaciona com uma mulher em Porto Alegre por um período de dias, mesmo sabendo que Clara Vitória estava desamparada, sofrendo isolada a mando de seu pai, por causa da gestação fruto de seu relacionamento: “No outro dia, ele a procurou na saída do palácio, e à noite estavam na casinha e na cama de Paulina, para os lados do Riacho. Por nove dias voltou, e parecia ter reencontrado a vida” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 151). O ato do Maestro serve como uma tentativa de escapar da realidade, ignorando as amarguras da amada.

Assim como Eugênio, o Maestro também teve seu arco resultado em uma reviravolta, pois ele resolveu assumir as consequências, mesmo que isso viesse a ocasionar sua morte. Clara Vitória serviu como âncora de comprometimento e fidelidade, ajudando o protagonista a mudar seu jeito de ser no final. Assis Brasil deixa isso em evidência no momento em que o personagem resolve voltar para Estância: “O Maestro segurou-o pelos ombros: — ‘O que me diz, será que ela ainda pensa em mim? Será que ainda está viva?’ [...] ‘Quero voltar, não aguento mais isso’” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 161). Destarte, notamos a evolução dos protagonistas ao longo dos livros.

Em contrapartida, as personagens femininas, Olívia e Clara Vitória, compartilham da mesma vontade de transgredir os padrões patriarcais, interligada com a época que cada uma vive, e da intensidade com que o machismo as afeta no ano vigente de cada narrativa. Para Delphy (2009 apud GOMES, 2019, p. 2) o patriarcado é “[...] uma formação social em que os homens detêm o poder, prevalecendo uma supremacia e dominação masculina, em contrapartida a uma inferiorização e opressão das mulheres”. Nesse contexto, é possível identificar essa influência na vida das duas protagonistas e como elas agem de maneiras diferentes por seus objetivos.

Gomes (2019, p. 2) afirma que o termo patriarcado é de origem grega e significa, em tradução livre, “poder ou comando do pai”. Logo, Clara Vitória, de *Concerto Campestre*, está inserida na sociedade do século XIX, em que o domínio do pai sobre a filha se dá de forma literal em todas as suas escolhas futuras. Dentro dessa perspectiva, Clara demonstra coragem quando resolve dar vazão aos sentimentos e transgredir

a barreira que a impossibilita de ter escolha do rumo amoroso de sua própria vida. Assis Brasil descreve esse momento de libertação e medo da personagem de forma precisa: “[...] e se o irmão já soubesse que ela, havia tempo, todas as noites, saía da cama, apagava a vela, e como uma sombra entre as sombras, se esgueirava para fora da casa e entrava no quarto de hóspedes e deitava-se com o Maestro até madrugada alta?” (ASSIS BRASIL, 2012, p. 61). Percebemos, então, que ela assume o papel de dona da sua vida ao estar a par das consequências que a esperam quando sua família descobrir a insubordinação e ao resolver fazê-la.

Mesmo sofrendo sozinha, após seu pai ter descoberto que além de se deitar com um homem não estando casada, estava, ainda por cima, grávida, a protagonista se mantém resiliente em exílio, condenada a permanecer sozinha por ter optado por seguir seus sentimentos. A menina de aparência e atos ingênuos não depende de ninguém para suportar a sua dor e ser mártir de suas escolhas. A despeito de todas as adversidades, Clara Vitória, provando que a transgressão não necessariamente vai provocar um “final” triste, é presenteada com uma razão para ser feliz, razão pela qual ansiava de maneira constante: ficar junto de seu amado sem que houvesse barreiras para intervir no futuro com o qual sonhava.

Por sua vez, a narrativa mais atual de Olívia, de *Olhai os lírios do campo*, acontece em uma década em que, mesmo com todas as revoluções tecnológicas e de direitos de classe advindo de inúmeros pensadores contemporâneos, era de rara visão notar uma mulher sendo baluarte em movimentos acadêmicos e profissionais. A personagem, por conseguinte, transgride esse padrão social ao adentrar no curso de medicina, sendo a única mulher da turma. Não obstante, Olívia foge dos padrões sociais, pois não almeja retorno econômico como prioridade para seguir sua profissão, e, de forma altruísta, aos demais olhos até ingênua, prega a felicidade do próximo como combustível para a realização de sua própria felicidade. A emancipação das regras do mundo físico presente na personalidade da personagem é o vetor principal para a redenção de Eugênio, servindo como guia mesmo após sua morte:

Procurar a nossa felicidade através da felicidade dos outros — aconselhava Olívia noutra carta sem data. — Não estou pregando o ascetismo, a santidade, não estou elogiando o puro espírito de sacrifício e renúncia. Tudo isso seria inumano, significaria ainda uma fuga da vida. Mas o que procuro, o que desejo, é segurar a vida pelos ombros e estreitá-la contra o peito, beijá-la na face (VERÍSSIMO, 2005, p. 171).

Dessa forma, é notável a obstinação das personagens femininas ao se manterem firmes em seus propósitos, mesmo que seu entorno não conspire a favor de seus ideais. Transgredir é ultrapassar barreiras injustas e consideradas, eticamente, corretas de acordo com a época, podendo resultar em uma punição pelo ato de se libertar de amarras sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando *Concerto Campestre* e *Olhai os lírios do campo*, comprovamos que “é a faculdade de provocar emoções que dá a um livro interesse permanente e consequentemente condição literária (VERÍSSIMO, 2001, p. 31)”. Por meio da investigação acerca das obras, seus autores e suas características de texto criativo, defendemos que, para passar a emoção ao leitor, os autores devem ter domínio sobre o objetivo e forma de escrita, desenvolvendo personagens que cativam e que evoluem.

Portanto, movidos por contextos diferentes, os protagonistas masculinos e femininos completam a construção de seus personagens ao longo das narrativas. Nesse viés, as mulheres detêm um cargo de farol nas tramas, enquanto, em *Concerto Campestre*, o Maestro deixou seu egoísmo amoroso e a covardia de fugir

do destino devido ao amor retribuído por Clara Vitória; em *Olhai os lírios do campo*, Eugênio rompe as amarras do egocentrismo voltado para uma vida de aparências e avareza graças aos ensinamentos pós morte que Olívia deixou para ele. Logo, percebemos que conciliar personagens e encaixá-los dentro da história possibilita mudanças ocasionadas pelo aprendizado trocado entre cada um. Melhor do que contar uma história sozinha, é compartilhar com outra para que o autor e a narrativa ganhem novos rumos na maneira de se pensar a própria história.

REFERÊNCIAS

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. **Concerto Campestre**. 13. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. **Escrever ficção**: Um manual de criação literária. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. **Sobre sua carreira** [sem data]. José Pinheiro Torres. Porto Alegre: site pessoal de Luiz Antonio de Assis Brasil. Disponível em: <<http://www.laab.com.br/bio.html>>. Acesso em: 14 de jun. de 2021.

BOCIAN, Konrad.; BARYLA, Wieslaw.; WOJCISZKE, Bogdan. Egocentrism Shapes Moral Judgements. **Social and Personality Psychology Compass**, v. 14, n. 12, p. 1-14, 24 out. 2020. Wiley. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1111/spc3.12572>>. Acesso em: 15 de jun. de 2021.

CUNHA, Lucas Martins da Costa. Organização do acervo Luiz Antonio de Assis Brasil. In: Semana de letras, 5., 2010, Porto Alegre. **Anais**[...] Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. Disponível em: <<https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Lucas-Martins-da-Costa-Cunha.pdf>>. Acesso em: 14 de jun. de 2021.

GOMES, Livia Daiane. A origem do patriarcado: da veneração á opressão da mulher. In: 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. v. 16 n. 1, 2019, Brasília - DF. **Resumos** [...]: Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. Disponível em: <<https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/164/161>>. Acesso em: 26 de jun. 2021.

SPALDING, Marcelo. **Escrita criativa para iniciantes**. Porto Alegre: Metamorfose, 2018.

VERISSIMO, Erico. **Olhai os lírios do campo**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VERÍSSIMO, José. **Que é literatura?** E outros escritos. São Paulo: Landy Livr. Ed. e distr. Ltda, 2001.